



# Voz do Migrante

## SER MIGRANTE NO PARAGUAI: LUTAS POPULARES E COOPERATIVAS

Cláudio Schü\*

Neste volume a REMHU apresenta um texto elaborado a partir da transcrição de uma entrevista realizada e gravada por Delia Dutra da Silveira em Foz de Iguaçu/PR, em 20 de junho de 2009, em ocasião do Seminário *Acordo de residência para nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL: desafios e possibilidade*, com Cláudio Schü, brasileiro que vive há 34 anos no Paraguai. Neste precioso testemunho ele relata os desafios da migração, o trabalho de articulação de migrantes na formação de cooperativas agrícolas, a situação dos brasileiros indocumentados e as riquezas da presença solidária da Pastoral da Mobilidade Humana.

### A experiência de ser migrante

Quando cheguei ao Paraguai minha experiência de migrante foi muito difícil. Eu me retirei de tudo, fui trabalhar no mato. Fiquei durante oito meses sem sair de lá. Só trabalhando e produzindo, o que dava, praticamente, só para nossa comida. Eu trabalhava com um irmão e outros empregados, humildemente, sem muito dinheiro. Hoje, conseguimos vencer.

Não voltei a lecionar. Professor, nunca mais. Faço palestras sobre cooperativismo, sou um animador social, trabalho na Pastoral da Mobilidade

---

\* Brasileiro, migrou para o Paraguai, na década de 70, por questões políticas. É professor formado em Ciências Sociais, mas abandonou a profissão por causa das restrições impostas no Brasil pelo regime militar. Hoje é animador social e trabalha em cooperativas agrícolas de migrantes. Naranjito / Paraguai.

Humana, e trabalho nas cooperativas. Achamos que as cooperativas são a única salvação do nosso povo, principalmente dos migrantes brasileiros, que é um grupo pequeno. Entendi que é bom trabalharmos juntos. Nossa cooperativa é formada por gente que tem uma média de 44 hectares. Somos uma cooperativa que não planta somente soja. Nós plantamos milho, girassol, temos criação de vacas de leite, temos peixes. Então, trabalhamos em uma cooperativa que trabalha com tudo, para o bem estar do associado que, como se sabe, para ganhar dinheiro com soja tem que ter uma extensão grande. Nós produzimos de tudo e graças à iniciativa dos brasileiros que trouxeram sua experiência do Brasil e não incorreram mais nos erros que cometemos dentro Brasil com as cooperativas. Porque, ao meu ver, as melhores cooperativas hoje, de produção agrícola, são as do Paraguai. Porque no Brasil conhecemos cooperativas que são praticamente multinacionais. Nós somos cooperativas que funcionam a nível comunitário, damos assistência aos associados, com muitas palestras em todo o nível: no setor familiar, em produção, enfim, englobamos toda a família.

Há uma estatística que diz que no Paraguai vivem 1 milhão e duzentos mil brasileiros. O Paraguai é um país que tem seis milhões de habitantes, e um terço da população é de brasileiros ou filhos de brasileiros. Os paraguaios emigram para a Argentina, para a Espanha, para tudo que é lado, pois não têm oportunidade de trabalho no Paraguai. Nós temos, crescemos economicamente porque trabalhamos na agricultura. Por isso temos cooperativas. As colônias são unidas, somos as *Colônias Unidas Naranjito*, temos a primeira cooperativa com mais de sessenta anos que foi também formada por brasileiros que vieram para o Paraguai entre 1900 e 1901. É uma potência que foi formada por estrangeiros, são cooperativas que nasceram por iniciativa de migrantes brasileiros.

### **A relação com a igreja e as lutas das cooperativas**

Nós sempre fomos orientados pela igreja. Por exemplo, as irmãs scalabrinianas nos acompanharam desde o início. Lá no *Naranjito* também havia os padres, que eram brasileiros, pois no Paraguai não havia padres. A Pastoral do Migrante constantemente faz reuniões conosco. As irmãs scalabrinianas, carlistas, foram as que nos “abriram a cabeça”, as que começaram a nos reunir há quinze anos atrás. Elas foram as precursoras, porque nos “abriram os olhos” para entender a importância do agrupamento.

A cooperativa que criamos tem 16 anos hoje (2009), mas estávamos perdendo a terra para as multinacionais. Adotamos, então, um recurso extremo e fundamos a cooperativa, pois a maioria dos moradores (migran-

tes) estava perdendo as terras para as multinacionais. Isso porque eles (as multinacionais) emprestavam dinheiro e, nos tempos ruins na agricultura, tomavam as terras como pagamento. Foi um contra-ataque de nossas cooperativas, pois praticamente se fundaram seis ou sete cooperativas num ano só, todas na colônia brasileira. São seis cooperativas unidas que formam uma central de cooperativas, a UNICOOOP. A maioria das cooperativas tem 400 ou 500 sócios, famílias, sócios locais.

Nós aceitamos paraguaios, não somos restritos a brasileiros. Fazemos questão que os paraguaios entrem, mas poucos prosperam porque não cumprem as leis das cooperativas: não pagam as contas, não têm garantia. Para poder negociar com a cooperativa nós temos que ter garantias reais e nós temos que arrumar dinheiro com outras organizações bancárias. Não temos lá o que tem no Brasil, como o *Banco do Brasil*. O dinheiro não é tanto um problema hoje em dia, mas quando começamos era um problema seriíssimo. O pessoal que tinha um pouco mais de terra tinha que avaliar, com sua terra, os empréstimos da cooperativa, que iria a ajudar aos outros. Então, todo mundo tem que ser responsável. A minha cooperativa tem 300 sócios ativos, que entregam toda a produção para a cooperativa. Nesse ano, por exemplo, temos uma grande plantação de soja. Temos parabólicas, temos vídeo, TV a cabo, temos tudo, mas quando entramos lá, não tinha luz, não tinha comunicação, não tinha nada, estava tudo abandonado.

### **A situação dos brasileiros no Paraguai**

No Paraguai há xenofobia, diria que somos odiados. Sendo branco e de olho azul, então “esse é gringo”. Por quê? Porque todo mundo prega isso... Tivemos uma reunião em Assunção na Embaixada Brasileira, com deputados brasileiros, e “abrimos o peito”. Falamos o que sofremos. Não sofremos privações, temos dinheiro, pois produzimos, trabalhamos. Pensamos que a situação não vai melhorar. Nós temos produtores paraguaios com a gente e eles também não concordam com as medidas tomadas pelo governo.

O maior apoio que nós temos é o do governo brasileiro. Por exemplo, pudemos nos inscrever no SUS, regularizamos nosso CPF, podemos trazer dinheiro. Os paraguaios querem vender a terra para nós. O Paraguai está cheio de estrangeiros, do sul ao norte. No Chaco paraguaio, por exemplo, uma região deserta, inóspita, os *menonitas* fizeram o “primeiro mundo”. Agora o brasileiro está entrando, plantando soja, trigo.

## Os brasileiros indocumentados

Tem gente que não tem nenhum documento, nem no Brasil são registrados. Então, apoiamos e estamos conseguindo os documentos, e hoje sentimos apoio daqui dos brasileiros do Consulado, da Embaixada. Penso que no passado foi um erro do Brasil ter nos deixado ir, porque toda essa riqueza poderia ter sido produzida no país. Eu culpo a ditadura militar por deixar sair a mão de obra especializada para o Paraguai.

Inicialmente, nós éramos uns dois milhões de brasileiros no Paraguai. O rico, como a terra lá era muito barata, comprava muito mais hectares. Então, traziam cinco ou seis famílias com eles para trabalhar a terra. Com a introdução de tecnologia, a mecanização, começou a não ter tanto trabalho, e assim começaram a se encher as vilas. Em Cascavel, Toledo, por exemplo, ficou muita gente sem trabalho. Então, o que fizemos? O MST nos procurou no Paraguai dizendo que queria a nossa gente porque sabia trabalhar. Assim, em um ano, nós tiramos, organizadamente, dez mil famílias de brasileiros do Paraguai. Tiramos essa gente da miséria e eu tenho visitado alguns assentamentos de brasileiros no Paraná e todo mundo tem terra, está prosperando. Trabalham porque aprenderam a trabalhar no Paraguai. Hoje os que estão voltando têm 20 ou 30 anos de trabalho no Paraguai. Eu aconselho voltar, porque no Paraguai, por exemplo, eles não têm aposentadoria, e no Brasil eles podem ser reincluídos na sociedade. Assim, milhares, até hoje, estão voltando.

Os parlamentares brasileiros têm nos visitado, convocado para reunião, a Embaixada também. Perdemos até o medo, mas antigamente tínhamos medo de falar. Estamos recebendo muito apoio, por exemplo, com esse tema de documentação, são milhares e milhares que estamos documentando. Já no Paraguai é difícil, apesar de votarmos e, em alguns municípios, decidirmos a eleição. Estamos inclusive colocando gente nossa, nascida lá, para agir. Antes o brasileiro tinha medo de fazer um protesto, mas agora conseguimos mobilizar, com protestos pacíficos.

Tive dois filhos que nasceram no Paraguai e depois uma filha que vai completar treze anos e que tem alguns problemas de saúde. Como no Paraguai não há ajuda, minha família mora no Brasil. Eu trabalho no Paraguai durante a semana e volto no fim de semana para Foz do Iguaçu. Então, ajudo os brasileiros indocumentados a fazerem a documentação.

**Abstract*****To be a migrant in Paraguay:  
community confrontations and cooperatives***

*On this volume, the REMHU counts on an transcription of an interview made by Delia Dutra da Silveira in Foz de Iguaçu/PR, in June 20<sup>th</sup>, 2009, at the Seminar "Agreement on free residence for nationals from the member States of Mercosur: Challenges and Possibilities", with Cláudio Schü – Brazilian living in Paraguay for 34 years. In this testimony he reports the challenges of migration, the articulate migrant work at the development of the agricultural cooperatives, the situation of the undocumented Brazilian citizens and the richness of the presence of the Human Mobility Pastoral.*